

UNIDADE 1

ETNIA, DIVERSIDADE CULTURAL E CONFLITOS



Manifestantes carregam faixa com os dizeres “Não à marcha nazista; refugiados são bem-vindos”, em Hamburgo (Alemanha), em 12 de setembro de 2015. A marcha foi uma resposta às manifestações nacionalistas e neonazistas, que se posicionaram contra a política da chanceler alemã, Angela Merkel, de dar abrigo aos refugiados.

A diversidade étnica e a coexistência entre povos marcaram a história da humanidade em diferentes espaços geográficos. Conflitos étnicos, preconceitos e intolerância também acompanharam a trajetória do ser humano, justificados por pressupostos como superioridade cultural, diferenças religiosas e direitos de uma nação sobre determinado território. Mas, por trás de muitos conflitos, estão em jogo interesses econômicos, políticos e disputas territoriais.

Nesta unidade, você vai explorar a questão étnica no Brasil, analisando os indicadores sociais e as políticas públicas voltadas para povos indígenas e afrodescendentes. Além disso, verá de que forma as diversas culturas e nacionalidades estão atreladas a conflitos que ocorrem na atualidade pelo mundo; e vai conhecer os aspectos que marcam o terrorismo no contexto das disputas geopolíticas presentes na nova ordem mundial.



CONTEXTO

Racista, eu!?

Os quadrinhos a seguir fazem parte de uma publicação difundida em escolas de países que integravam a União Europeia, em 1998.

A finalidade era incentivar a reflexão entre estudantes e professores sobre o racismo e outras formas de discriminação presentes no dia a dia dos europeus.



1. Em sua opinião, a discussão desses temas entre os jovens europeus ainda é válida nos dias atuais? Justifique.
2. Discuta a atitude da mãe no último quadrinho. Justifique.

Racista, eu!? Luxemburgo. Serviço de Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, 1998. p. 11.

Vale informar aos estudantes que o quadrinho está em português de Portugal.

1 DIVERSIDADE CULTURAL

Nos primórdios da história da sociedade humana, o indivíduo se identificava basicamente com o clã e a aldeia em que vivia. As chances de conhecer valores e características diferentes eram reduzidas, dado o pouco contato entre os grupos.

Esse relativo isolamento levou cada grupo a criar mecanismos próprios de sobrevivência, formas específicas de transformação da natureza e de vivência em comunidade. Isso fez com que se desenvolvessem crenças, costumes, formas de comunicação, idiomas, manifestações artísticas, culinária, métodos e equipamentos de produção diferentes, originando, assim, **culturas distintas**.

No decorrer da história, os contatos entre os povos ocasionaram tanto **choques** como **assimilações culturais**, intensificados em virtude das migrações, das guerras, do desenvolvimento e do crescimento da atividade comercial. Esses contatos possibilitaram, ainda, o surgimento de novas culturas. Veja a figura 1.



FILME

Mississípi em chamas

De Alan Parker. EUA, 1988. 122 min.

Anderson e Ward são dois agentes do FBI com ideais diferentes, que investigam o assassinato de três ativistas negros dos direitos civis no Mississípi, praticadas pelo grupo racista Ku Klux Klan, em 1964.

Figura 1. Mulher muçulmana durante manifestação na França, em 2011, em protesto contra a polêmica lei proibindo o uso de vestimentas islâmicas que cobrem todo o corpo em espaços públicos, como a burca (traje que cobre o corpo inteiro, inclusive o rosto, e possui uma tela por onde se pode ver) e o niqab (traje que deixa apenas os olhos descobertos, como o da mulher da imagem).

CHOQUE ENTRE CULTURAS E ETNOCENTRISMO

A **etnia** é um dos elementos do processo de construção da identidade de um grupo sociocultural. Um grupo étnico agrega pessoas que partilham laços culturais ou biológicos (ou ambos) e se identificam umas com as outras ou são identificadas como tal por outros grupos. Assim, a identidade étnica resulta de fatores construídos historicamente, como a ancestralidade comum, as formas de organização da sociedade, a língua e a religiosidade. É uma forma de legitimação de determinada realidade, de determinado modo de vida socialmente construído.

O encontro entre duas culturas comumente provoca a avaliação recíproca da **cultura do “outro”**, normalmente feito a partir da **cultura do “eu”**. Ao analisar a outra cultura, tende-se a considerar a sua como referência, como a ideal e a correta.

Essa atitude leva à **visão etnocêntrica**, ou seja, ao julgamento de outros grupos com base em valores e padrões de comportamento do seu próprio grupo. Dessa forma, há uma valorização do próprio grupo que ignora ou rejeita a possibilidade de o outro ser diferente. Passa-se a desprezar os valores, o conhecimento, a arte, a crença, as formas de comunicação, as técnicas, enfim, a cultura do “outro”. A dificuldade de entender as diferenças em relação a outras etnias pode provocar estranheza, medo e hostilidade.

A visão etnocêntrica serviu, e continua servindo, para justificar a opressão de comunidades étnicas, a conquista de povos e territórios, o controle do poder do Estado por aqueles que se consideram superiores aos demais, práticas preconceituosas, racistas e excludentes.

FILME

Selma

De Ava DuVernay. EUA/ Reino Unido, 2014. 128 min.

O filme é ambientado no contexto das marchas pacifistas, ocorridas em 1965, lideradas pelo pastor protestante e ativista político estadunidense Martin Luther King (1929-1968), no estado do Alabama, entre a cidade de Selma e a capital Montgomery, em protesto contra o cerceamento do voto aos afro-estadunidenses.

A repressão violenta aos manifestantes pacifistas foi divulgada por todo o país e tornou a opinião pública favorável à luta pelos direitos civis, conquistados no mesmo ano.

EVOLUCIONISMO

No século XIX, a concepção **antropológica** dominante apoiava-se no **evolucionismo cultural**. A Antropologia Evolucionista transpôs para a sociedade as ideias do cientista britânico Charles Darwin (1809-1882) sobre a evolução das espécies e a seleção natural. Por essa razão ficou conhecida como **darwinismo social** e estabelecia que as diferentes sociedades passariam por diversos estágios de evolução, indo do “primitivo” ao “civilizado”. Assim, as sociedades ocidentais europeia e estadunidense teriam atingido o estágio “civilizado”, enquanto os diversos povos da África, da América Latina, da Ásia e da Oceania estariam no estágio “primitivo”. Essa teoria serviu para justificar o colonialismo e as conquistas territoriais como um processo civilizatório; serviu para levar as conquistas da civilização aos povos que eles consideravam incapazes de desenvolvê-las por si mesmos.

Antropológico

Relativo à Antropologia, ciência que se ocupa do estudo e da reflexão sobre o ser humano, com base nas características biológicas (Antropologia Biológica) e socioculturais (Antropologia Cultural) dos diversos grupos humanos, dando ênfase às diferenças e variações entre esses grupos.



CONEXÃO

Arte • História

Progresso americano

A obra *Progresso americano*, pintura da década de 1870 do artista berlinense John Gast (1842-1896), glorifica a conquista do oeste dos Estados Unidos. No centro, destaca-se a figura de Columbia, a personificação feminina dos Estados Unidos, que comanda o processo civilizatório. No canto esquerdo da tela, indígenas e animais selvagens são afugentados.

A obra é uma apologia à doutrina do Destino Manifesto, inspirada no Darwinismo social. Segundo o Destino Manifesto, o povo dos Estados Unidos tinha a missão de conquistar as terras situadas a oeste do seu território, habitadas por povos selvagens, torná-las produtivas e civilizadas, para justificar a sua expansão territorial.



MUSEU AUTRY DO OESTE AMERICANO, LOS ANGELES (ESTADOS UNIDOS)

Progresso americano (1872), óleo sobre tela de John Gast.

- Quais elementos da obra representam a implementação do processo civilizatório?

Já no início do século XX, novas concepções antropológicas contrapuseram-se ao evolucionismo, tais como a do alemão Franz Boas (1858-1942), primeiro a ressaltar a importância do estudo das diversas culturas em seu próprio contexto. Boas defendia não haver cultura superior ou inferior nem valores culturais universais. Para ele, deveriam ser considerados os fatores históricos, naturais e linguísticos que influenciavam o desenvolvimento de cada cultura. Essa abordagem mais imparcial, ficou conhecida como **relativismo cultural** e defendia que os valores de uma cultura não poderiam, portanto, ser avaliados com a referência dos valores de quem a julga.



Cultura ou civilização

“Nas transformações da ideia de cultura durante os séculos XVIII e XIX, a discussão sobre cultura surgiu associada a uma tentativa de distinguir entre aspectos materiais e não materiais da vida social, entre a matéria e o espírito de uma sociedade. Até que o uso moderno de cultura se sedimentasse, cultura competiu com a ideia de civilização, muito embora seus conteúdos fossem frequentemente trocados. Assim, ora civilização, ora cultura serviam para significar os aspectos materiais da vida

social, o mesmo ocorrendo com o universo de ideias, concepções, crenças.

Com o passar do tempo, cultura e civilização ficaram quase sinônimas, se bem que usualmente se reserve civilização para fazer referência a sociedades poderosas, de longa tradição histórica e grande âmbito de influência. Além do mais, usa-se cultura para falar não apenas em sociedades, mas também em grupos no seu interior, o que não ocorre com civilização.”

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 35-36. (Col. Primeiros Passos).

1. Por que, para definir cultura, são considerados tanto os aspectos materiais quanto os não materiais de um povo? Cite exemplos de ambos.
2. Dê alguns exemplos que justifiquem a diferença entre cultura e civilização.

2 CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL E MODERNIDADE

Ainda na Antiguidade, o desenvolvimento técnico permitiu que determinados povos se deslocassem para regiões cada vez mais distantes, algumas geograficamente favoráveis às trocas culturais (figura 2), como o Oriente Médio – rota de passagem entre a Ásia e a Europa – e o Mar Mediterrâneo¹ – situado entre Europa, África e Ásia.

Figura 2. A ocupação árabe em território espanhol foi de 711 a 1492. Nesses quase 800 anos de sua presença, deixaram marcas na cultura, no vocabulário e na arquitetura do país. Na imagem, inscrições árabes, arabescos e azulejos do final século XVI enfeitam paredes, colunas e arcos do complexo palaciano de Alhambra, em Granada (Espanha). Esse complexo exibe elementos islâmicos e cristãos por ter alojado monarcas muçulmanos e católicos, do século XIII até depois da Reconquista (século XV). Fotografia de 2007.

JEREMY HORNER/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES



¹ Além de possibilitar um intenso intercâmbio cultural, o Mediterrâneo foi, ao longo dos séculos, região de grandes disputas pelo controle das rotas comerciais. Egípcios, gregos, fenícios, romanos e turco-otomanos formaram importantes civilizações nessa região.

No entanto, nenhuma expansão se iguala, em amplitude e diversidade de contatos, à iniciada pelos europeus no século XV. Dominaram os ameríndios e outros povos ao redor do mundo, integrando-os (pela força militar ou pelo domínio cultural) a um mesmo sistema econômico, o **capitalismo comercial**. A partir desse domínio, a cultura europeia – com seus valores e estrutura de organização social e política baseada no **Estado nacional** – foi sendo imposta ao longo dos séculos aos povos da América, África, Ásia e Oceania, ao mesmo tempo que assimilava elementos culturais desses povos.

ENTRE ASPAS

Estado nacional

Os Estados nacionais modernos surgiram no século XIV, com a formação de Portugal, e no XV com os reinos da Espanha, França e Inglaterra. Somente no século XIX passaram a ser o modelo de estruturação territorial e política predominante no mundo. Na concepção comum, o Estado é uma organização política centralizada que, por meio de um conjunto de instituições, governa a sociedade estabelecida em seu território.

Ele desempenha um conjunto de funções sociais, como as relacionadas à saúde e educação. Ainda, mantém a lei e a ordem, resolve os conflitos entre grupos sociais e econômicos e é responsável pela defesa do seu território, além de estabelecer e **controlar as regras econômicas**.

No seio da civilização europeia, num período caracterizado por grandes conquistas tecnológicas e pelos **Estados nacionais absolutistas**, está a origem da **civilização ocidental moderna**, consolidada com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa.

A **Revolução Industrial** (segunda metade do século XVIII) deu grande impulso ao desenvolvimento e à expansão capitalista, à acumulação de capital e à difusão das relações de trabalho assalariado. Além disso, introduziu a produção em massa e a padronização das mercadorias e expandiu o comércio internacional.

A **Revolução Francesa** (1789), com a difusão do lema “liberdade, igualdade e fraternidade”, contribuiu para a generalização dos ideais do **Iluminismo** e dos valores democráticos de igualdade dos indivíduos perante a lei.

ENTRE ASPAS

Iluminismo

Doutrina que valorizava a razão, baseada na ciência, como forma de conhecimento do mundo. Os iluministas acreditavam na possibilidade da convivência harmoniosa em sociedade, pregavam a liberdade individual, política, econômica e religiosa, e negavam o absolutismo monárquico. Um dos pensadores precursores que influenciaram o movimento iluminista foi o inglês John Locke (1632-1704), que no século XVII fundamentou ideias liberais que contestavam o sistema da época: os governos devem ser limitados nos seus poderes; devem garantir o respeito aos direitos naturais do povo – a proteção da vida, da liberdade e da propriedade; governos só existem pelo consentimento dos governados, pois todos os homens nascem livres e iguais. O Iluminismo teve desdobramentos na Europa, na América e em outras regiões do mundo, inspirando movimentos revolucionários e de independência.



John Locke, precursor do pensamento iluminista. Retrato de Sir Godfrey Kneller, 1697.

LODGE PARK AND SHERBORNE ESTATE,
GLOUCESTERSHIRE (REINO UNIDO)

Um dos aspectos marcantes da civilização ocidental, e do próprio capitalismo, é o individualismo, conceito segundo o qual a liberdade do indivíduo se afirma sobre a sociedade. O **self-made man** é a expressão mais bem acabada do individualismo, na qual se exalta a figura da pessoa que venceu na vida graças aos próprios esforços.

Self-made man

Expressão em inglês que significa “homem que se fez por si”, ou seja, pessoa cujo sucesso se deve a si própria.

Outra importante característica da civilização ocidental é o **consumismo**, que está, de certa forma, alicerçado em dois princípios fundamentais da sociedade capitalista: busca constante por inovação e acumulação de bens. A sociedade estadunidense levou a noção do consumismo ao extremo. O desejo por bens e serviços é altamente estimulado e manifesta-se de forma voraz. Veja a figura 3.



JEFF HAYNES/REUTERS/UTASTOCK

Figura 3. Consumidores carregam aparelhos de TV durante megaliquidação anual em loja de eletroeletrônicos, em Chicago (Estados Unidos), 2013.

MODERNIDADE E CULTURA

Apesar da amplitude alcançada pela cultura europeia – com a disseminação de instituições, visões de mundo, modos de vida e valores construídos no interior da civilização ocidental –, algumas sociedades coesas, de cultura milenar, não foram totalmente permeáveis à mudança de valores. No entanto, assimilaram técnicas e sistemas de produção e gerenciamento, inserindo suas economias nos padrões do mercado mundial, como é o caso do Japão, da China, da Coreia do Sul, da Índia e de outros países, inclusive muçulmanos (figura 4).

O que essas sociedades assimilaram foi a modernidade, entendida aqui como a estrutura político-administrativa própria dos Estados-nações, a sociedade urbano-industrial, a produção de bens e a geração de serviços em larga escala, os avanços tecnológicos, a comunicação instantânea, a agilidade dos meios de transportes e a dependência de algumas fontes energéticas (carvão mineral, petróleo e urânio).

Figura 4. Burj Khalifa, em Dubai (Emirados Árabes Unidos), 2014. O edifício é o maior arranha-céu do mundo, com 828 metros de altura e 163 andares. Dubai atrai a atenção dos turistas ocidentais pela modernidade das suas gigantescas estruturas urbanas, dos luxuosos *shopping centers* e dos hotéis.



MAICO PRESENTE/MOMENT EDITORIAL/GETTY IMAGES

O fato de várias sociedades terem incorporado esses aspectos da modernidade, sem abrir mão de traços culturais que formam a essência de sua cultura, permite distinguir os conceitos de civilização ocidental e de modernidade, reforçando o caráter global deste último.

A difusão e a reprodução de aspectos da modernidade e dos valores culturais em vários lugares do globo devem-se à atuação das empresas **multinacionais** e da **indústria cultural**: televisão, cinema, jornais, revistas, rádio, publicidade. As empresas multinacionais estruturaram-se em redes mundiais de produção, distribuição e comercialização de bens e serviços. A indústria cultural e a publicidade são os principais difusores do **consumo de massa**.

Na virada do século XIX, as grandes empresas surgidas com a Segunda Revolução Industrial criaram um mercado de massa, estimulado por campanhas publicitárias de longo prazo, moldando o fenômeno da **sociedade de consumo**.

A sociedade de consumo consolidou-se ao longo do século passado. Iniciado sobretudo nos Estados Unidos, o consumo de massa foi conformado a um estilo de vida proclamado pelo *slogan American Way of Life* (modo de vida americano) no início do século XX e tornou-se uma face inerente à expansão do capitalismo.



LEITURA E DISCUSSÃO

Manipulando as mentes

“Na virada do século [XX], as grandes empresas surgidas com a revolução industrial iriam criar um mercado de massa, planejando uma demanda desorganizada. Consideravam a publicidade um investimento a longo prazo. Isso porque nada há de ‘natural’ no fenômeno do consumo de massa. Trata-se de uma construção cultural e social.

Já em 1892, por exemplo, a Coca-Cola apresenta um dos maiores orçamentos publicitários do mundo. E em 1912, [...] o Advertising Club of America declara que a Coca-Cola detém a melhor publicidade [...]. Desde essa época, os dirigentes da empresa têm uma concepção da publicidade em função do maior número possível de compradores potenciais. ‘A repetição’, diz um deles, ‘pode ser o fator principal. Uma gota-d’água acaba penetrando numa rocha. A mastigação contínua é o bastante para digerir os alimentos. Se você bate no lugar certo, e sem parar, o prego acaba entrando na cabeça’.

Com a multiplicação dos meios de comunicação elétricos (cinema, rádio), eletrônicos (televisão) e digitais (internet), o século XX não

somente assistiu à explosão da publicidade, mas à sua sofisticação. A ambição de manipular as mentes, dentro dos próprios lares, alcançou quase níveis de uma ciência. As técnicas de persuasão não cessaram de se aperfeiçoar, vencendo a barreira do barulho, transpondo os milhares de pedidos publicitários que nos atormentam diariamente, confundindo a nossa desconfiança e se incrustando em nossas mentes com uma mensagem precisa.

[...]

A publicidade promete sempre a mesma coisa: bem-estar, conforto, eficiência, felicidade e sucesso. Ela reflete uma cintilante promessa de satisfação. Como observa o sociólogo [francês] Pierre Kende [1927-], as mensagens publicitárias ‘destinam-se ao que o indivíduo tem de mais íntimo, de menos confessável, explorando os desejos, as vaidades, as esperanças mais loucas. Falam-lhe a linguagem do sucesso, prometem libertá-lo de suas pequenas desgraças e o absolvem das culpas mais incômodas’. A publicidade distrai, ou diverte, mas quase nunca informa.”

RAMONET, Ignacio. *Le monde diplomatique*. Edição brasileira, ano 2, n. 16, mai. 2001.

- Pesquise em jornais, revistas e na internet mensagens publicitárias e notícias atuais veiculadas nesses meios de comunicação. Depois, discuta com os colegas: de que forma elas exercem influência na vida de vocês?

1. Quais circunstâncias históricas levaram à expansão da civilização ocidental?
2. Leia o texto e responda às questões a seguir.

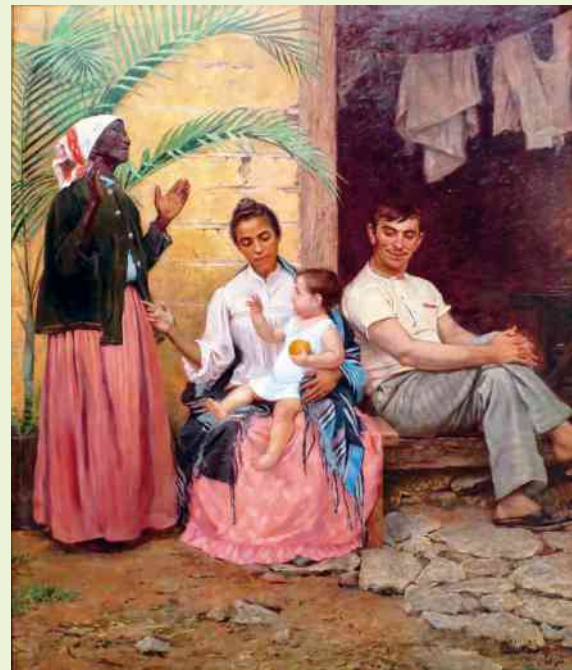
“[...] Não é natural, nem justo, que os países civilizados ocidentais se amontoem indefinidamente e se asfixiem nos espaços restritos que foram suas primeiras moradas, que neles acumulem as maravilhas das ciências, das artes, da civilização, que eles vejam, por falta de aplicações remuneradoras, a taxa de juro dos capitais cair em seus países cada dia mais e que deixem talvez a metade do mundo a pequenos grupos de homens ignorantes, impotentes, verdadeiras crianças débeis, dispersos em superfícies incomensuráveis, ou então a populações decrepitas, sem energia, sem direção, verdadeiros velhinhos incapazes de qualquer esforço, de qualquer ação ordenada e providente.”

MILL, Stuart *apud* LEROY-BEAULIEU, P. In: BEAUD, Michel. *História do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 232.

- a) Qual visão de mundo apoia o trecho do texto do economista Stuart Mill? Comente as suas consequências.
 - b) Contextualize o texto e associe-o ao neocolonialismo do século XIX.
3. Escreva no caderno o nome adequado para cada uma das definições que seguem.
 - a) Comunidade culturalmente homogênea que desfruta de uma origem e uma história comum e se distingue de outras em virtude de certas características, como nacionalidade, língua, religião e tradições, e pelas aspirações semelhantes às do seu grupo.
 - b) Teoria que explica que os grupos sociais passam por estágios de evolução, cada um a seu tempo: do estágio primitivo à civilização. Essa teoria, que serviu para justificar a submissão de povos e a ocupação e exploração de seus territórios, é atualmente considerada obsoleta nos círculos acadêmicos.
 - c) Teoria que defende a ideia de que um indivíduo deve ser compreendido pelos outros nos termos do ambiente cultural em que vive e que nenhuma cultura é superior a qualquer outra. Dessa forma, não existe verdade absoluta: ela está circunscrita a cada cultura no âmbito de suas crenças, sua moral e seus costumes.
 - d) Pensamento e movimento que se propagou na Europa no século XVIII, pautado na razão e na ciência como forma de conhecimento, e que pregava ideais de liberdade e autonomia na vida em sociedade. Nesse sentido, o pensamento racional deveria prevalecer sobre as crenças religiosas e o misticismo, que impediam a evolução da humanidade.

ENEM E VESTIBULARES

1. (Uerj 2014) No I Congresso Mundial das Raças, ocorrido em Londres em 1911, o médico João Baptista de Lacerda ilustrou suas reflexões sobre a sociedade brasileira analisando a tela “A redenção de Cam”, que retrata três gerações de uma família.



MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, RIO DE JANEIRO (RJ)

A redenção de Cam (1895), de Modesto Brocos y Gomes.

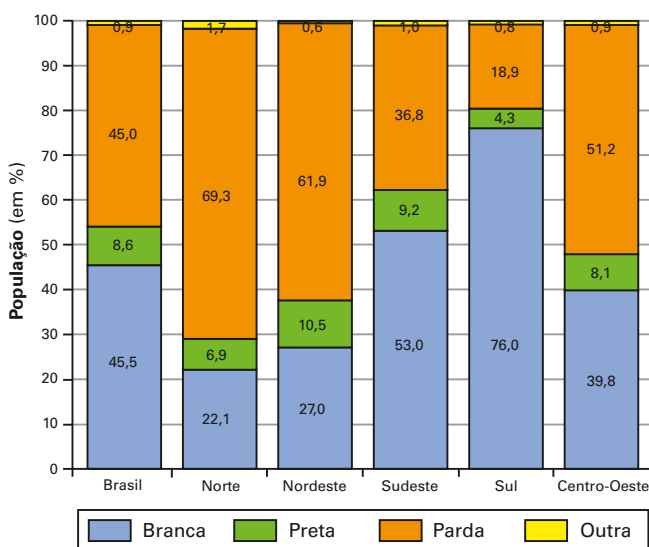
Essa pintura foi utilizada na época para indicar a seguinte tendência demográfica no Brasil:

- a) controle de natalidade.
 - b) branqueamento da população.
 - c) equilíbrio entre faixas etárias.
 - d) segregação dos grupos étnicos.
2. (Unioeste-PR 2012) Etnocentrismo é uma atitude em que os indivíduos reduzem todos os fenômenos sociais àqueles que conhecem. Considerando a afirmação acima, é INCORRETO afirmar que
 - a) os indivíduos fazem uma avaliação preconceituosa das outras culturas.
 - b) os indivíduos tendem a considerar o seu grupo social como superior aos demais grupos sociais.
 - c) os indivíduos possuem uma facilidade em ver e tolerar as diferenças sociais.
 - d) os indivíduos tendem a considerar um determinado modo de vida como o mais correto.
 - e) os indivíduos acreditam que a sua cultura é melhor que as outras e preferível a qualquer outra.

3 QUESTÃO ÉTNICA NO BRASIL: POVOS INDÍGENAS E AFRODESCENDENTES

Antes da chegada dos portugueses às terras que viriam a formar o território brasileiro já existia um mosaico étnico com a presença de diferentes **povos indígenas**. Com o início do processo de colonização no século XVI, **portugueses** foram ocupando o território e dominando e exterminando os povos nativos. A eles, somaram-se os milhões de **africanos**, trazidos à força para trabalhar como escravos, entre os séculos XVI e XIX. A partir de meados do século XIX, chegaram ao Brasil, para trabalhar na lavoura do café e, posteriormente, nas indústrias, grupos de imigrantes europeus (italianos, espanhóis, alemães, poloneses, além dos próprios portugueses) e asiáticos (árabes, japoneses, chineses). Assim, o Brasil é formado por grupos étnicos distintos, entre os quais ocorreu um intenso processo de **miscigenação** (figura 5). Apesar de terem em comum a língua – um vínculo marcante –, alguns grupos mantêm as suas tradições.

Figura 5. Brasil: distribuição percentual da população residente, por cor ou raça, segundo as Grandes Regiões – 2014



Fonte: IBGE. Pnad 2014. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: nov. 2015.

POVOS INDÍGENAS

Dos indígenas que escaparam da escravidão – milhares resistiram ao trabalho imposto pelos portugueses –, muitos foram exterminados durante o processo de colonização e, posteriormente, em conflitos com fazendeiros, garimpeiros e outros grupos que invadiam suas terras. Além das mortes em conflitos, comunidades inteiras de indígenas foram aniquiladas ao contraírem as doenças trazidas pelo colonizador, como gripe, catapora e sarampo. Outras tiveram sua cultura descaracterizada pelos processos de **aculturação**.

Cálculos aproximados indicam que, quando da chegada dos portugueses, mais de 4 milhões de ameríndios viviam no que constituiu o atual território brasileiro. Eles formavam diferentes **nações** com costumes, crenças e forma de organização social e de sobrevivência próprias. Leia o *Entre aspas*.

O último censo registrou a presença de 896,9 mil indígenas vivendo no Brasil, distribuídos em 305 etnias e que usam 274 línguas diferentes. Apesar dessa drástica redução, a população indígena voltou a aumentar nas últimas décadas, o que muitos atribuem a uma maior atenção à causa indígena e à demarcação de algumas Terras Indígenas. O direito a um território próprio e ao seu modo de vida é o que garante a sobrevivência e reprodução dos povos indígenas.

Aculturação

Assimilação cultural resultante do contato entre indivíduos de povos diferentes, que pode ser ocasionada pela imigração, por intercâmbios comerciais ou pela dominação.

ENTRE ASPAS

Nação

Conjunto de pessoas que têm em comum o passado histórico, a língua, os costumes, determinados valores sociais, culturais e morais e, em alguns casos, a religião. Tudo isso confere à nação uma identidade cultural, uma consciência nacional, contribuindo, dessa forma, para que os seus indivíduos compartilhem determinadas aspirações, como o desejo de permanecerem unidos, de se promoverem em termos sociais e econômicos e de preservarem sua identidade nacional.

LEITURA

A questão do índio

Betty Mindlin e Fernando Portela. Ática, 2011.

Discute a situação atual dos povos indígenas no Brasil. Apresenta também um texto ficcional que narra a aventura de dois jovens na Amazônia.



Erro de português

O escritor e dramaturgo paulistano Oswald de Andrade (1890-1954) foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, ao lado da pintora Anita Malfatti (1889-1964), do também escritor Mário de Andrade (1893-1945) e de outros intelectuais e artistas da época.

A Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo, inaugurou o modernismo brasileiro. Teve como objetivo discutir a identidade nacional, compreender a cultura brasileira e os rumos das suas artes. Em 1928, Oswald escreveu o *Manifesto Antropofágico*, no qual propôs que o Brasil devorasse a cultura estrangeira e criasse uma cultura revolucionária própria. É dele a famosa frase “Tupy or not tupy, that is the question”.

No poema a seguir, chamado “Erro de português”, Oswald de Andrade faz uma crítica à imposição de uma cultura sobre a outra.

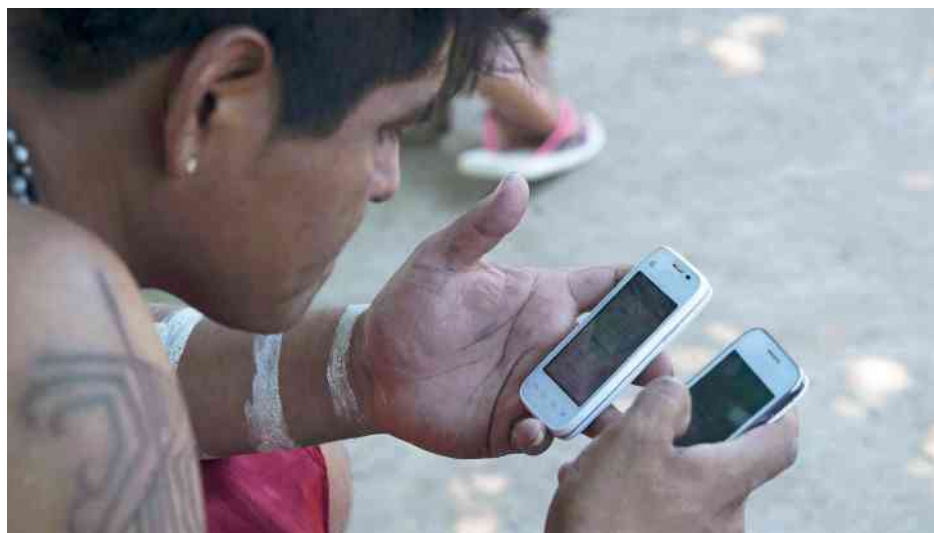
“Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!

Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.”

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p. 177.

- Discuta o significado de **vestir** e **despir** no poema.

O **universo indígena** brasileiro é bastante diverso. Algumas nações indígenas mantêm a sua identidade e as suas tradições, apesar de terem algum grau de contato com o restante da sociedade. Há também nações que só falam o português e adquiriram hábitos da civilização ocidental, como o consumo de produtos industrializados (figura 6). Existem, ainda, alguns grupos indígenas que se mantêm isolados em áreas próximas às fronteiras ou de difícil acesso, sem nenhum contato com outras comunidades.



LUCILA ZVARIK/PULSAR IMAGENS

Figura 6. Jovem da etnia Kadiwéu com celulares na Aldeia Alves de Barros, em Porto Murtinho (MS), 2015.

Imagens – Instituto Socioambiental

<http://img.socioambiental.org/v/publico/>

Galeria com diversas imagens que registram grande parte dos indígenas brasileiros, seu cotidiano e modos de vida.

Vídeo nas aldeias

www.videonasaldeias.org.br/2009/video.php

A ONG apoia a produção audiovisual dos povos indígenas visando ao fortalecimento de suas identidades e de seus patrimônios territoriais e culturais. São mais de 70 filmes que retratam a vida indígena pelo olhar desses povos.



Tecnologia e cosmologia

“Seriam ‘índios de verdade’ aqueles que mantêm intacta a produção (e não necessariamente o uso) desses bens materiais com suas tecnologias ‘primitivas’; e deixariam de ser índios aqueles que passam a conviver e usufruir do alto grau de desenvolvimento conquistado pelos povos ocidentais. Essa noção se sedimentou ao longo de séculos, e por muito tempo a Antropologia foi associada à ciência que colecionava para museus a cultura material de povos fadados ao desaparecimento.

Chegamos ao século XXI e os índios estão cada vez mais em contato com a sociedade não indígena; isto não os impede de aplicar conceitos próprios sobre o universo e seus seres, renovar suas formas de classificação dos espaços geográficos, fazer referência a narrativas sobre experiências vividas por seus antepassados ou explicar e combater malefícios ou doenças com um vasto repertório de curas que não estão ao alcance de médicos especialistas. Se isso tudo continua vivo é porque faz muito sentido para a manutenção da organização social e **cosmológica** dessas populações.

Essa constatação é recente e a noção de ‘cultura’ ampliou-se quando introduziu o conceito de ‘cultura imaterial’. Trata-se de admitir como parte do patrimônio cultural de um povo as suas expressões orais, as práticas sociais, os conhecimentos associados à natureza e ao universo, os usos desses conhecimentos e as técnicas tradicionais.”

Instituto Socioambiental (ISA). *Almanaque Socioambiental: Parque Indígena do Xingu 50 anos*. São Paulo: ISA, 2011. p. 244-245.

Cosmologia

No texto, significa o conjunto de conhecimentos de cada povo que explicam o seu universo.

- Qual a sua opinião sobre o uso de tecnologias pelos povos indígenas? O indígena quando usa tecnologia deixa de ser indígena?

• Terras Indígenas

De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), as 703 Terras Indígenas no Brasil cobrem 13,6% do território (figura 7, na página seguinte). Boa parte dessas terras, no entanto, ainda não foi demarcada. De acordo com a lei, as **terras demarcadas** são de uso exclusivo e posse das populações indígenas, que asseguram para si o direito sobre a exploração dos recursos naturais nelas existentes.

De acordo com a Constituição de 1988, as Terras Indígenas são porções do território habitadas por um ou mais grupos indígenas e consideradas essenciais à preservação dos recursos necessários a sua sobrevivência, reprodução física e cultural. Nelas, as comunidades nativas têm o direito de utilizar o solo, os rios, os lagos e as demais riquezas naturais existentes.

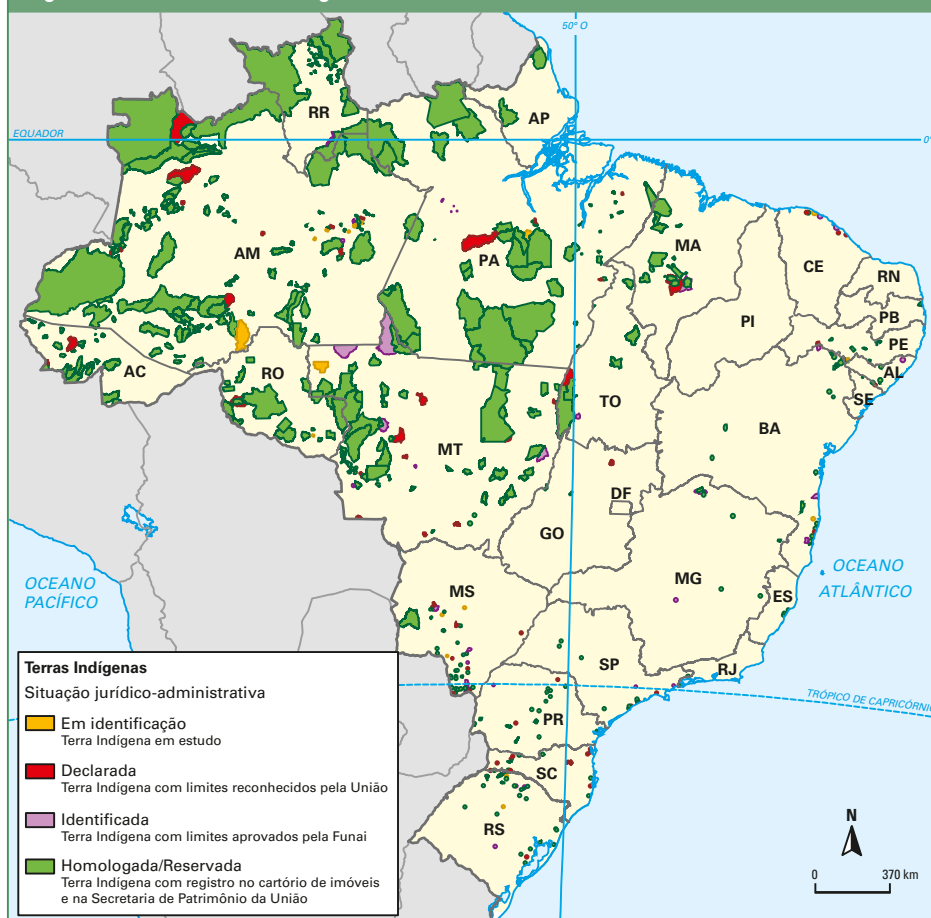
A Constituição reconheceu os direitos dos povos indígenas como primeiros habitantes de suas terras e estabeleceu que elas fossem demarcadas até 1995. No fim da segunda década do século XXI, esse processo encontra-se ainda em andamento, muitas vezes envolvendo grandes conflitos.

As Terras Indígenas são frequentemente invadidas pelas grandes empresas madeireiras, por garimpeiros e agropecuaristas, entre outros grupos. Essas atividades, mesmo quando praticadas próximo às Terras Indígenas, comprometem o meio ambiente e constituem uma ameaça à subsistência desses povos.

Terras demarcadas

Trata-se do processo de demarcação oficial das Terras Indígenas, realizado após o reconhecimento, pela União, dos seus limites territoriais. Essa etapa ocorre entre a declaração e a homologação.

Figura 7. Brasil: Terras Indígenas – 2015



Fonte: ISA. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/terras-indigenas/demarcacoes/localizacao-e-extensao-das-tis>>. Acesso em: fev. 2016.

A maioria da população indígena vive na **Amazônia** (figura 8). Nessa região, ainda ocupa grandes extensões de terra e preserva seu modo de vida tradicional. Em outras regiões, especialmente no Centro-Sul do Brasil, as terras são menores e algumas vezes abrigam aldeias muito povoadas. Em áreas insuficientes para prover o sustento e a sobrevivência da comunidade, indígenas recorrem às cidades próximas em busca de recursos e de trabalho. Essa integração forçada os coloca em situação de marginalidade no novo meio.

RICARDO TELES/PULSAR IMAGENS



Figura 8. O Parque Indígena do Xingu, criado em 1961 (inicialmente como Parque Nacional do Xingu), foi a primeira Terra Indígena homologada no Brasil. Situado no sul da Amazônia, no Mato Grosso, ocupa atualmente 30.000 km² e abriga 16 etnias e mais de 5 mil habitantes. Na imagem, indígenas da aldeia Kamayurá, no Parque Indígena do Xingu (MT), 2014.

FILME

Xingu

De Cao Hamburger. Brasil, 2012. 102 min.

Os irmãos Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Bôas partem numa missão desbravadora ao se alistar no programa de expansão na região do Brasil central, incentivados pelo governo. Essa expedição resultou na fundação, em 1961, do Parque Nacional do Xingu (atual Parque Indígena do Xingu), a primeira Terra Indígena do Brasil.

SITE

Instituto Socioambiental (ISA)

www.socioambiental.org

O ISA é uma ONG cujas ações visam a defesa dos bens e direitos sociais, o meio ambiente, o patrimônio cultural e os direitos dos povos indígenas do Brasil.

Blog de Marcos Terena

www.marcosterena.blogspot.com

Documentos, artigos e vários links de vídeos sobre a população indígena. O indígena Marcos Terena criou o primeiro movimento indígena no Brasil e foi responsável pela organização da Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre território, meio ambiente e desenvolvimento, ocorrida na Conferência Rio-92.

AFRODESCENDENTES

Os africanos trazidos como escravos para o Brasil eram principalmente **sudaneses** (lorubás, Jejes, Malês, Ibos, entre outros) e **bantos** (como Cabindas, Bengalas, Banquistas, Tongas) de Angola e Moçambique.

Calcula-se que, durante o período de escravidão (da primeira metade de 1500 até 1888), foram capturados e trazidos para o Brasil cerca de 5 milhões de africanos, que entravam no país principalmente pelos portos de Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Aqui, trabalharam na lavoura de cana-de-açúcar, de algodão, de café e na mineração, além de realizar outras atividades, como trabalhos domésticos e de ofício (carpinteiros, pintores, pedreiros, ourives etc.).

O Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão, o que ocorreu há pouco mais de um século, em 1888. Apesar de libertos, os ex-escravizados, deixados à própria sorte, continuaram em situação desfavorável. Nessa época, estimulava-se a imigração e os postos de trabalho eram ocupados principalmente por europeus, que em geral já desenvolviam em seus países de origem atividades na lavoura, no comércio e na indústria.

O Brasil é o país que abriga a maior população negra fora da África: dados do IBGE de 2014 indicam que a população que se declara preta e parda (53,6%) supera a população que se declara branca (45,5%) (veja a figura 5). No entanto, os afrodescendentes enfrentam inúmeras dificuldades, consequência das desigualdades sociais e do preconceito.



CONEXÃO

História • Língua Portuguesa

Pestana

Os trabalhos do paulista Maurício Pestana (1963-), autor do cartum ao lado, destacam-se na defesa dos direitos humanos, da cidadania e denunciam o racismo presente em parte da sociedade brasileira.

- Comente a crítica expressa no cartum. Cite acontecimentos históricos na sua argumentação.



PESTANA, Maurício. *Racista Eu!? De jeito nenhum...* São Paulo: Escala, 2001. p. 22.

MAURÍCIO PESTANA

• Racismo no Brasil?

A origem étnica dificulta a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Os afrodescendentes são os mais atingidos pelo desemprego e grande parte dos que são empregados exerce atividades de baixa qualificação. Em consequência, no geral, moram em lugares mais distantes do local de trabalho, nas periferias, onde dispõem de serviços básicos (saúde, educação, saneamento etc.) precários e de opções de lazer escassas.

No Brasil, os indicadores sociais demonstram que afrodescendentes ganham salários menores que os brancos e têm menor grau de escolaridade. Veja a tabela.

Brasil: desigualdade segundo a cor da pele – 2014			
	Brasil	Brancos	Negros*
População total	203,2 milhões**	45,5%	53,6%
Proporção da população de 10 anos ou mais de idade entre os 10% com menores rendimentos.	–	22,8%	76,0%
Proporção da população de 10 anos ou mais de idade entre o 1% com maiores rendimentos.	–	79,6%	17,4%
Proporção dos estudantes de 18 a 24 anos de idade que frequentam o ensino superior.	58,5%	71,4%	45,5%
Proporção da população com 16 anos ou mais de idade ocupada em emprego informal.	42,3%	35,3%	48,4%

Fonte: IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2015*. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: fev. 2016.

Além da raiz histórica – marcada por quase quatro séculos de escravidão –, a situação de desigualdade social entre brancos e afrodescendentes se mantém em função da educação pública deficiente, do difícil acesso às informações que estão associadas às novas tecnologias (computador, serviços de banda larga, internet etc.), da necessidade de jovens terem que ajudar na complementação da renda familiar e do preconceito. Dessa forma, é negado aos afrodescendentes – e também aos indígenas – o princípio básico das sociedades democráticas, que é a igualdade de oportunidades.

Segundo a atual Constituição brasileira, o racismo é considerado crime. Para a punição às atitudes racistas, é necessário o testemunho de uma terceira pessoa e de registro de ocorrência policial. Muitas vezes, no entanto, o racismo não é manifestado abertamente. É difícil, por exemplo, comprovar que um emprego foi negado a determinada pessoa em função da cor de sua pele. Veja a figura 9.

A pressão dos movimentos sociais, especialmente do movimento negro, e o reconhecimento inegável que as diferenças sociais e econômicas são visíveis pela cor da pele impulsionaram a implementação de ações afirmativas no Brasil.

LEITURA

**Racista, eu!?
De jeito nenhum...**
De Maurício Pestana.
Escala, 2001.

Seleção de cartuns do autor dedicados a denunciar as desigualdades sociais e étnica/raciais e o racismo no Brasil.

* A categoria negro aqui utilizada resulta da soma das categorias preto e pardo, utilizadas pelo IBGE.
** Inclui os outros grupos.

REJANE CARNEIRO/AGÊNCIA A TARDE/ESTADÃO



Figura 9. A baiana Luislinda Valois Santos tornou-se em 1984 a primeira juíza afrodescendente do Brasil e também proferiu a primeira sentença contra racismo, responsável pela condenação de um supermercado a indenizar uma empregada doméstica afrodescendente acusada injustamente de furto. Fotografia de 2009.

• Ações afirmativas

As desigualdades existentes entre os diferentes grupos étnicos – criadas historicamente pela sociedade e pelo próprio Estado – existem em todo o mundo. Visando corrigi-las, têm sido empregadas diferentes ações, ao longo dos anos. Um exemplo é a política de **ações afirmativas** ou **discriminação positiva**. Leia o *Entre aspás*.

As ações afirmativas de combate à discriminação racial e de melhoria das condições de vida da população negra foram adotadas em diferentes países, como os Estados Unidos e a África do Sul, após o fim do *apartheid*², e estão sendo implementadas também no Brasil. Algumas começaram a ser aplicadas, como o estabelecimento de **cotas** para afrodescendentes e indígenas nas universidades e nos serviços públicos.

ENTRE ASPAS

Ação afirmativa

O termo “ação afirmativa” foi empregado no início da década de 1960 pelo presidente John F. Kennedy (1917-1963) para designar o conjunto de políticas que visava combater a discriminação de raça, gênero, credo etc., e corrigir efeitos presentes da discriminação, garantindo a igualdade de oportunidade nos postos de trabalho. Em 1964, seu sucessor, Lyndon B. Johnson (1908-1973), promulgou a Lei de Direitos Civis e implementou políticas de ações afirmativas destinadas à promoção social dos cidadãos afro-estadunidenses. Essas políticas justificavam-se pelo reconhecimento da necessidade de reparar a discriminação racial persistente nos Estados Unidos desde que o Congresso pôs fim à escravidão, em 1865.

SITE

Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)

<http://www.seppir.gov.br/sobre/perguntas-frequentes>

A SEPPIR promove a igualdade e a proteção de grupos étnicos afetados por formas de intolerância. Apresenta informações sobre ações afirmativas, legislação e notícias sobre o tema.

• Cotas nas universidades públicas

O sistema de **cotas nas universidades públicas** é a mais polêmica das ações afirmativas postas em prática. Ele visa diminuir a distância entre negros e brancos no ensino superior (veja os dados da tabela anterior).

Aqueles que as combatem argumentam que o sistema fere o princípio constitucional de igualdade entre os cidadãos e estimula a **cisão racial**³ no país, opondo os afro-brasileiros aos brancos. Defendem que o governo deveria investir no ensino público fundamental e médio de qualidade, criando as condições necessárias para que a população pobre (independentemente da cor da pele) possa competir por vagas nas universidades em igualdade de condições. Acrescentam ainda que as cotas se tornaram uma solução mais fácil e menos onerosa e servem para mascarar a real situação do ensino do país. Argumentam que é uma das funções do ensino superior a formação de profissionais capacitados ao desenvolvimento de pesquisa científica e tecnológica. Portanto, a universidade pública deve ser uma instituição de excelência, cuja seleção deve ter como critério o mérito e o potencial dos ingressantes, para que possa atender a essas finalidades.

Os que defendem as cotas nas universidades públicas alegam que o sistema é uma medida essencial para resolver a **exclusão racial** em curto prazo e que já existem na sociedade brasileira “cotas invisíveis” contempladas pela população branca. Acrescentam que a política de cotas nas universidades destinada à população afrodescendente é vista como uma forma de saldar uma dívida histórica da sociedade, considerando o seu passado escravista. Concordam que a reserva de vagas aos afrodescendentes é uma medida emergencial e necessária, pois a melhoria do ensino público básico depende de investimento e manutenção de políticas adequadas por sucessivos governos.

Nesse sentido, as opções dadas pelos que são contrários às cotas transferem para o futuro a solução dos problemas causados pela desigualdade étnica e social. Não apontam qualquer solução para aqueles que almejam (e necessitam) ter agora o acesso à universidade pública.

² O *apartheid* é abordado no Capítulo 3 deste volume.

³ O termo “racial” é usado aqui em seu contexto social: geneticamente não há raças, mas socialmente está associado à discriminação pela cor da pele (veja a seção *Ponto de Vista* no fim do capítulo).

Muitos defensores das cotas consideram que as outras medidas propostas pelos opositores também devem ser incorporadas. Mas defendem que as duas formas de combater a exclusão não são antagônicas. As cotas têm efeito imediato, e precisam de certo tempo para ser avaliadas, as outras propostas demandam tempo e vontade política para a sua aplicação.

Em 2012, foi aprovada a lei (válida por 10 anos) que assegura metade das vagas dos cursos nas universidades e escolas técnicas federais a estudantes de escolas da rede pública. Garante, também, que a distribuição das vagas entre os cotistas deve observar critérios como renda familiar e uma repartição entre afrodescendentes e indígenas, proporcional à composição numérica desses grupos em cada estado. Veja as figuras 10 e 11.

Quilombo

Esse tipo de povoação e organização social representou a mais importante forma de resistência à escravidão, onde os afrodescendentes procuravam também reproduzir seus modos de vida, com uma organização política e uma estrutura social próprias. O quilombo mais famoso foi o dos Palmares, situado no atual estado de Alagoas.



Figuras 10 e 11. À esquerda, estudantes de escolas particulares do Distrito Federal protestam na Praça dos Três Poderes, em Brasília (DF), contra as cotas para estudantes da rede pública de ensino em universidades federais. À direita, manifestação a favor das cotas em São Paulo (SP). Fotografias de 2012.

• Comunidades quilombolas

As **quilombolas** ou **comunidades remanescentes de quilombos** foram formadas por escravizados fugitivos e também ex-escravizados que receberam doações ou conseguiram comprar terras. As comunidades quilombolas foram formadas em fazendas abandonadas; terras doadas pelo Estado – por serviços prestados principalmente em guerras; terras antes ocupadas por ordens religiosas e deixadas às comunidades negras locais. Existem 2.648⁴ dessas comunidades espalhadas por praticamente todo o território brasileiro, certificadas pela Fundação Cultural Palmares⁵. Em geral estão situadas em áreas rurais e relativamente isoladas, mas há também comunidades em áreas urbanas. Veja a figura 12.



Figura 12. Habitantes de Rio de Contas (BA) reúnem-se para a festa de São Sebastião na comunidade remanescente do Quilombo da Barra, em 2014.

⁴ Dados da Fundação Cultural Palmares de dezembro de 2015.

⁵ A Fundação Cultural Palmares é uma entidade ligada ao Ministério da Cultura, criada em 1988, com a finalidade de promover e preservar a arte e a cultura afro-brasileiras.

A Constituição de 1988, após 100 anos da abolição da escravidão, garantiu o direito legítimo das Terras Quilombolas aos membros da comunidade. No entanto, nem todas receberam titulação definitiva que lhes garantam a propriedade das terras.

Em 2008, ocorreu uma mudança no procedimento de certificação das terras comunitárias, com intenção de restringir o título de propriedade às áreas onde estão instaladas as habitações. Tal medida impede que essas comunidades tenham acesso aos recursos naturais necessários à sua existência material e cultural. Também cria uma série de obstáculos burocráticos para a formalização do processo de titulação.

Além de lutarem para manter e legalizar suas terras, as comunidades quilombolas têm outros desafios, relacionados à estruturação de práticas de exploração de recursos naturais e agrícolas pautadas no desenvolvimento sustentável, à preservação de seus valores culturais, à valorização da sua produção artesanal e à formação de associações que garantam maior capacidade de mobilização para as comunidades.

SITE

Comunidades quilombolas do Brasil

www.cpis.org.br/comunidades/html/i_brasil.html

Conheça um pouco da história e da vida dessas comunidades e outras informações sobre elas.



OLHO NO ESPAÇO

Mapa da Violência

O Mapa da Violência tem como foco fazer um levantamento da violência letal, principalmente relacionada à juventude. O trabalho é realizado desde 1998, encabeçado pelo pesquisador argentino Julio Jacobo Waiselfisz, graduado em Sociologia pela Universidade de Buenos Aires e mestre em Planejamento Educacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A publicação é uma sistematização feita com base em dados nacionais e internacionais sobre a mortandade por armas de fogo e suas principais vítimas por idade, sexo e cor. Analise a tabela, que traz dados do Mapa da Violência de 2015.

Brasil: número de homicídios com armas de fogo por raça/cor				
Região	Homicídios por armas de fogo			
	Branca		Negra	
	2003	2012	2003	2012
Norte	277	385	1.370	3.433
Nordeste	905	1.215	6.228	13.647
Sudeste	8.530	4.346	10.516	7.824
Sul	2.826	3.923	599	1.084
Centro-Oeste	686	763	1.578	2.958
Brasil	13.224	10.632	20.291	28.946

Fonte: WAISELISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2015: os novos padrões da violência homicida no Brasil*. Brasília: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2015. p. 83.

- O que os dados mostram sobre o número de homicídios entre brancos e negros no Brasil? Qual a situação da região em que você vive?

O uso do termo raça

“Do ponto de vista científico, o termo raça possui duas **acepções** básicas. A primeira refere-se a seu uso sociológico – designa um grupo humano ao qual se atribui determinada origem e cujos membros possuem características mentais e físicas comuns. Note-se que, nesse caso, o termo está na verdade designando as características políticas ou culturais desse grupo, decorrentes de sua história comum; do ponto de vista biológico, porém, tal designação não apresenta nenhum fundamento.

Na segunda acepção, de cunho biológico, a palavra raça designa um grupo de indivíduos que têm uma parte importante de seus genes em comum, e que podem ser diferenciados dos membros de outros grupos a partir desses genes. Entende-se raça, pois, como uma população que possui um estoque ou patrimônio genético próprio. Sua reprodução se dá sem a admissão, ou com uma admissão pouco significativa, de genes pertencentes a outros grupos. Entretanto, se a admissão torna-se forte, como no caso de uma invasão ou migração, pode formar-se uma nova raça. É nessas condições que os grupos

humanos chegam, em certas condições, a se diferenciar biologicamente uns dos outros. Mas essas diferenças são tão insignificantes que não interferem no processo de interfecundidade dos grupos humanos.

Como vimos, comparar e classificar os seres humanos não é, em si, errado. Conhecer é, em certo sentido, comparar e classificar as coisas que existem. Portanto, aceitar uma classificação racial ou os princípios de uma tipologia racial não significa por si só aceitar ou adotar conceitos racistas.

Entretanto, esse exercício classificatório aparentemente inofensivo pode tomar uma conotação racista quando, além de classificar os indivíduos, também hierarquizamos os grupos humanos de acordo com juízos de valor que tomam a raça como fator causal. Configura-se então um processo chamado de racialização, que implica a ideia de superioridade de um grupo em relação a outro, com base em preconceitos referentes a características físicas ou culturais.”

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY, Jacques. *Racismo, preconceito e intolerância...* São Paulo: Atual, 2009. p. 44-45.

Acepção

Significação de um termo ou palavra de acordo com o contexto em que estão empregados.

Na obra *Operários* (1933), a artista Tarsila do Amaral (1886-1973) faz um mosaico de rostos que representam a diversidade dos operários brasileiros. Subjacente à individualidade da aparência está a singularidade genética que caracteriza cada ser humano.

1. Do ponto de vista científico, quais são os dois significados básicos para o termo raça?
2. De acordo com o texto, “aceitar uma classificação racial ou os princípios de uma tipologia racial não significa por si só aceitar ou adotar conceitos racistas”. Como se explica, então, o racismo?

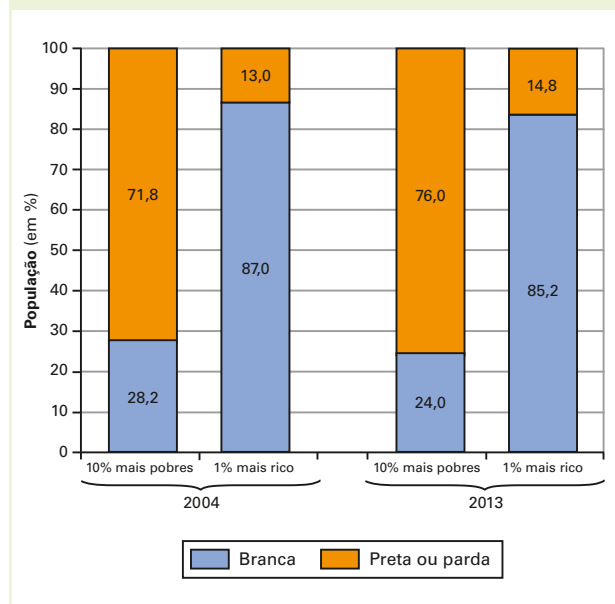
1. Interprete o cartum a seguir.



PESTANA, Maurício. *Racista, eu!? De jeito nenhum...* São Paulo: Escala, 2001. p. 95.

2. Observe os gráficos.

Brasil: rendimento familiar *per capita* das pessoas de 10 ou mais anos de idade entre os 10% mais pobres e o 1% mais rico, em relação ao total de pessoas, por cor ou raça* – 2004/2013



Fonte: *Síntese dos Indicadores Sociais*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014, p. 155.

* Exclui a população de cor ou raça amarela, indígena ou ignorado e população sem rendimentos e sem declaração de rendimentos.

Análise o rendimento familiar *per capita* de acordo com a classificação de cor ou raça, utilizada pelo IBGE, e as mudanças apontadas no período.

3. A tabela a seguir apresenta a evolução da população ameríndia no Brasil, entre 1500 e 2010. Observe os dados e explique as alterações no início da colonização e nas últimas décadas.

Brasil: evolução da população ameríndia – 1500-2010	
Ano	Ameríndios
1500	4.500.000*
1890	440.000*
1990	280.000
2000	134.100
2010	817.900

* Estimativa.

Fonte: IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: fev. 2016.

ENEM E VESTIBULARES

• (Enem 2014)

“Parecer CNE/CP n. 3/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Procura-se oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas. Propõe a divulgação e a produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos igualmente tenham seus direitos garantidos.”

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Disponível em: <www.semesp.org.br>. Acesso em: 21 nov. 2013 (adaptado).

A orientação adotada por esse parecer fundamenta uma política pública e associa o princípio da inclusão social a

- práticas de valorização identitária.
- medidas de compensação econômica.
- dispositivos de liberdade de expressão.
- estratégias de qualificação profissional.
- instrumentos de modernização jurídica.